

Elika Takimoto é professora e coordenadora do curso de Física do CEFET. Doutora em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Elika ainda é autora de diversos livros, laureada com o 1º Prêmio Saraiva de Literatura Juvenil por “Minha vida é um blog aberto”, lançado em 2015. Candidata a Deputada Estadual em 2018 pelo Partido dos Trabalhadores.

Ensaio: Primeiramente gostaríamos de agradecer por nos conceder essa entrevista. Seu doutoramento foi pela UERJ sobre filosofia da ciência. Você poderia falar sobre como a filosofia entrou em sua vida?

Elika: É muito difícil apontar somente uma causa para algo que acontece em nossas vidas, dada a complexidade da realidade. Fiz faculdade de física porque achava que teria a resposta para minhas perguntas mais profundas como, por exemplo: Como surgimos? Deus existe? Somos passíveis de sermos equacionados? O que podemos entender através das equações? A física no Ensino Médio me pareceu algo muito poderoso. Se consigo equacionar o movimento dos planetas e prever onde um corpo pode estar daqui a algum tempo, qual o limite dessas previsões? A vida acabou me levando para a licenciatura e antes de terminar a faculdade já era professora de uma escola particular numa escola no subúrbio do Rio, onde sempre morei. Não tive matérias na faculdade que me fizessem refletir sobre essas questões ou ir além delas. Ficávamos sempre preocupados, assim como no Ensino Médio, em resolver um determinado problema apontado pelo professor e passar na prova. Com exceção de uma disciplina que fiz: História da Física. Quando me deparei com uma parte da física que nem sonhava que existia, fiquei maravilhada. O contexto histórico das descobertas mudava muita coisa na minha cabeça. Ler as cartas originais, os livros e artigos escritos por quem ajudou a construir o que chamamos hoje de ciência modificou minha forma de enxergá-la. Formei-me, entrei para o duro mercado de trabalho como professora, casei-me e quando estava com dois filhos, foi aberto o mestrado em História das Ciências na UFRJ. A professora Penha Maria me convidou para ser sua orientanda. Ela que havia ministrado a disciplina História da Física na minha graduação. Era muita curiosidade envolvida e desejo de aprender competindo com contas para pagar e cobranças da sociedade. Apesar de estar "sem tempo", dei meu jeito e ingressei no mestrado.

Estava doida para ingressar no doutorado e continuar minhas pesquisas, mas algo aconteceu. Ao final de nosso trabalho, a despeito de parecer ter gostado muito de minha dissertação, Penha dispensou-me e disse que eu deveria "ir para a Filosofia". Lamentei a separação, tentei resistir, reclamei. Não entendi. Mas ela insistiu que essa migração seria importante para a minha formação e que meu espírito estava precisando disso. Aceitei a contragosto o conselho. O deleite durante a minha pesquisa em todo o meu doutorado até os dias de hoje é a prova de que Penha conseguiu enxergar em mim o que ninguém, até então, havia enxergado (muito menos eu mesma): a minha útil inquietação dentro da ciência. O que me leva ao segundo nome, não menos importante, nessa história: Antônio Augusto Passos Videira. Lá pelos idos de 2007, ao chegar até Antônio Augusto (indicado pela Penha), na UERJ, querendo apenas continuar meus estudos, ofereci ao meu futuro orientador o que tinha de maior e mais precioso no momento: a minha ignorância sobre o mundo. Ele aceitou o desafio e, desde o nosso primeiro encontro, ajudou-me com as minhas leituras. Antes mesmo de estar matriculada no curso, tivemos incontáveis reuniões e discussões sobre o tema da tese, a dizer: O que há de metafísica na Mecânica do Século XVIII? Guto mostrou-me que a minha ignorância, tomada aqui como ausência de entendimento, é muito maior do que eu pensava. E, devidamente estimulada, a gente até consegue fazer uma tese. Fiz mais do que isso e escrevi alguns livros. Não foi nada fácil ingressar em um curso de doutorado de Filosofia. Meus concorrentes haviam feito graduação e mestrado na área e eu mal sabia quem era Platão direito. Nunca tive, até então, aula de filosofia na vida. Na minha época, não tinha essa disciplina no Ensino Médio. A única coisa que tinha eram muitas perguntas e a inquietação daqueles que querem aprender. Depois de três anos estudando e me preparando para passar na prova, ingressei no doutorado. Hoje, tenho muito mais perguntas do que aquelas que já possuía. Parece que a filosofia me fez muito bem, tirou-me todas as certezas que carregava e o chão que pisava, ou seja, arrancou-me da zona de conforto, esse local que se morre em vida.

Ensaio: Você tem um blog que deu origem ao livro vencedor do Prêmio Saraiva, "Minha vida é um blog aberto", e é muito ativa nas redes sociais. Como você enxerga o papel que a internet tem na difusão de ideias e como isso impacta ou impactou sua vida profissional?

Elika: Rede social é o que há para difundir informação e ideias. Sejam elas boas sejam más. No meu caso, especificamente, foi fundamental para eu ganhar visibilidade. Veja bem, sou filha de um pai japonês que foi engenheiro e de uma mineira que sempre foi dona de casa. Morei no subúrbio minha vida inteira. Estou querendo dizer que não sou filha de artista, escritor, jornalista, moradora da zona sul... não tinha "contato" nenhum. Se não fosse pela internet, eu jamais teria meus textos lidos, livros publicados, e até mesmo teria sido vencedora do Prêmio Saraiva - já que quem me avisou da existência do concurso foi uma "seguidora" (Beijo, Ariete!). Quando postamos um texto e as pessoas se sensibilizam de alguma forma com ele, elas sentem necessidade de comentar e mostrar para outras. Isso vai acontecendo de forma natural, orgânica e vai dando notoriedade para aquela ideia. Eu tive a sorte e a felicidade de ter vários textos compartilhados e comentados. Digo "a felicidade" porque escrever é um processo que não se encerra quando colocamos um ponto final e sim quando somos lidos depois que colocamos o ponto final. Neste sentido, não importa a quantidade de pessoas que leu. Quando uma pessoa lê e sinaliza, de alguma forma, que se emocionou, a magia da palavra escrita acontece. Digo "a sorte" porque vários textos meus emocionaram várias pessoas e isso acabou transformando a minha vida. Conheci pessoas, sou convidada para palestras em todo o Brasil, entrei para a política de forma efetiva e publiquei, de um jeito ou de outro, alguns livros que escrevi.

Ensaio: Você declarou que pela primeira vez na vida tem alunos terraplanistas. Como enxerga a descrença e o descaso com a ciência, que no Brasil está sob ataque, mas que no resto do mundo também passa por esse momento de contestação do ponto de vista metodológico, tratada como teoria da conspiração?

Elika: O fato de ter um grupo de pessoas criticando o senso comum é maravilhoso, mas isso não se aplica para este caso especificamente porque há muita coisa envolvida na crença das pessoas que afirmam que a Terra seja plana além de querer contestar o formato do planeta que vivemos. A agressividade presente na fala de jovens de 15, 16 anos nas aulas de física dizendo que é uma "questão de opinião" o que Copérnico, Galileu, Kepler, Newton e Einstein escreveram é sintomático. Creio que a ciência não trata de conhecimentos objetivos e que há verdades mutáveis dentro da ciência. Entendo uma teoria científica como um processo criativo dos seres humanos e fruto de uma cultura. Percebo que se trata de um conhecimento diferenciado com grande poder de

transformar uma sociedade. Na física, por exemplo, fazemos representações baseadas por sistemas e modelos elaborados que contém teorias e cálculos. São usados critérios rígidos para podermos afirmar que as nossas representações dialogam com a realidade. A Terra ser representada de forma plana é uma possibilidade, mas não conseguimos encontrar nada que nos apontassem que essa representação fosse melhor do que a que temos hoje. Ainda assim, os ouvidos se fazem de surdos porque há mais do que uma "opinião" em jogo. Não se trata de pessoas que não estudam, pelo contrário. Por vezes, um terraplanista tem muito mais leitura do que alguém que viva numa Terra redonda e não esteja nem um pouco interessado em saber como chegamos a essa representação. Desconfiar das "verdades" ditas pela ciência é saudável e, inclusive, "avancamos" (se é que estamos indo para algum lugar) quando teorias são contestadas. No entanto, a despeito de não se basearem em nenhuma lógica e raciocínio científico, eles acreditam que estão. E essa crença aparece depois que alguns mecanismos psicológicos foram ativados. Por isso, não adianta nem mostrar que os experimentos "científicos" que eles mesmos propõem não dão certo, pois eles só aceitam os dados que confirmem a planicidade da Terra como, por exemplo, uma régua superposta no horizonte. Qualquer outro argumento que usamos para mostrar que a Terra "pode ser redonda" é visto como uma manipulação de conspiradores. Pessoas que são expostas a esse tipo de mensagem de que elas estão sendo vítimas de uma conspiração - e passam a acreditar em uma delas - sempre extrapolam essa perda de confiança, naturalmente, para outras fontes de informação. Sendo assim, um terraplanista passa a desacreditar na ciência como um todo e até mesmo de fotos como as do holocausto e em vacinas. Vivemos em uma época plena de carências e o mundo parece que não tem melhorado. Pelo contrário. Já tivemos um futuro melhor. Quando criança, por exemplo, o futuro me apresentava carros voadores e a cura de várias doenças. Hoje, meus filhos querem livrar o mundo da quantidade absurda de carros, reverter o aquecimento global e a produção de lixo. Essa incerteza de que conseguiremos melhorar o planeta provoca um incômodo a ponto de achatá-lo. Porque ao acreditar que a Terra seja plana, podemos acreditar em visões bem mais simplificadas do mundo e adquirir algumas certezas (ilusórias como todas são) que nos trazem a sensação de que podemos mudar tudo. A realidade torna-se muito mais simples, o futuro e o passado menos assustadores e a vida suportável. Enfim, trata-se de uma questão super complexa. Debochar e minimizar a importância disso em nossa sociedade é tudo o que não precisamos fazer neste momento. Precisamos usar esse fenômeno para entender a nós mesmos como sociedade.

Ensaio: O PT (Partido dos Trabalhadores), especialmente nos últimos anos, sofreu uma série de ataques fortemente amparados por setores diversos (midiáticos, jurídicos, empresariais), mas que em comum tem a convergência para o conservadorismo, a manutenção de privilégios e interesses da classe dominante. Como você avalia sua candidatura em meio a isso?

Elika: Minha filiação e minha candidatura foi um ato, acima de qualquer coisa, de negação a todos esses ataques que vi o PT sofrendo. A filiação aconteceu depois de muito conversar com quem "odeia o PT" e de tudo o que vivi sendo professora da rede Estadual e Federal de Ensino. Perceba: O antipetista considera que tem um dever de limpar o Brasil "da sujeira feita por Lula e Dilma no nosso país". É o missionário cívico que se sente com a vassoura na mão. Quando falava dos números e dados como a retirada do Brasil do mapa da fome, ouvia que isso é mentira e que os dados foram alterados assim como os padrões da miséria. Ou seja, para o antipetista não houve diminuição da fome. Disseram para mim que odeiam o PT por ser um partido sindical, "que comprou votos dos pobres com o bolsa-família, que inventou o racismo ao apoiar políticas compensatórias, que Lula é um analfabeto, cachaceiro, inventor dos programas sociais para manter os pobres como clientes do partido". Daí, perguntava se não era legal fazer políticas sociais que diminuíssem a pobreza e ouvia que o PT aparelhou as estatais e quer transformar o Brasil em uma Venezuela dando dinheiro para Cuba, além de ter promovido o comunismo no Brasil, o bolivarianismo e o gayzismo. Enquanto ouvia isso, percebia o CEFET melhorando, conhecia novos Institutos e Universidades criados no governo do PT e vi políticas de ações afirmativas serem implementadas. Antes do PT, vivíamos em um país com um enorme período sem mobilidade social e os que estão hoje na classe média – que se achavam intelectualmente superiores e viram pobre entrando na Universidade e, hoje, mostrando um rendimento escolar superior aos não cotistas e recebendo diploma de médico – surtaram. Mas nem todo antipetista é uma tábua ou apoia ideias fascistas da política nacional. Vale observar também. Alguns simplesmente se mostraram cansados, esgotados, exaustos do PT depois de 12 anos. Porém, a pessoa quer mudanças tipo as que o PT fez, mas apoiando outro partido que não tem a força do PT para fazer o que a pessoa quer que seja feito. Ou seja, o antipetismo é uma modalidade de ódio olímpica praticada por pessoas que não estão conseguindo argumentar de forma lógica. Quando algo nos incomoda, sabemos muito

mais sobre nós mesmos do que sobre o objeto que nos desestabiliza emocionalmente. A minha candidatura se deu em um cenário pós-golpe quando vi a soberania popular sendo "subtraída em tenebrosas transações". O governo de Temer - que não seria eleito pelo povo - implementou medidas antissociais que terão um efeito longo e devastador principalmente nos campos do meio ambiente, da previdência, da saúde e da educação. Vi a retirada da credibilidade do voto e da política. O barco não estava à deriva e sim sob o comando de um grupo guiado por uma mídia oligopolizada, juízes partidarizados e pelo capital. Todas essas reformas que foram (e estão sendo) votadas pós-golpe buscaram implantar um novo regime, com menos gastos na área social e fortes ataques a direitos conquistados a duras penas pelos trabalhadores, piorando muito as condições de trabalho e tornando aposentadoria do povo brasileiro um sonho. Não há na história mundial uma superação a algo parecido do que está acontecendo em nosso país sem luta e sem resistência. Ou melhor, sem a retomada de confiança na força da democracia. A minha candidatura se deu por acreditar nessa força e por ver políticos sérios combaterem bravamente essa agenda montada para tirar direitos e favorecer ainda mais aos setores rentistas. Eu precisava fazer parte dessa luta.

Ensaio: Ao considerar a variedade dos seus escritos, que vão desde física para crianças até um olhar carinhoso para o subúrbio carioca, você demonstra um amplo leque e grande habilidade para transitar entre temas diversos, sempre mantendo uma linguagem acessível. Você poderia nos contar um pouco sobre sua experiência como escritora, como esse processo ocorre para você e quais suas motivações para escrever?

Elika: Eu comecei a escrever "depois de velha". Quando saí da escola, eu tinha a certeza de que não sabia escrever. Minhas notas de redação sempre foram vermelhas por fugir do tema e redigir sempre em primeira pessoa - erros considerados imperdoáveis para qualquer banca avaliadora. Leio de forma compulsiva desde os meus 14 anos. Quando lidamos muito com uma determinada arte é normal que venha o ímpeto de participar de alguma forma daquele universo. Uma pessoa que adora rock, por exemplo, sente vontade de aprender a tocar guitarra ou bateria, assim como sentem desejo de pintar aqueles que admiram quadros. Eu, apaixonada por literatura, morria de fome de lápis e papel, mas o medo de ser criticada de forma severa - como fizeram as canetas vermelhas de meus professores - engessou-me por muito tempo. Até o dia em que fui

morar em uma vila em Madureira. Ali eu me senti dentro de um livro de crônicas. Os diálogos que travava com meus vizinhos seriam uma festa nas mãos de Fernando Sabino, pensava. E lamentava por não saber como registrar tudo aquilo que vivia... Numa noite, a poesia saltou tanto aos olhos que resolvi deixar o trauma de lado e fotografar – com as palavras - a cena que eu vi pela minha janela. Assim nasceu minha primeira crônica quando eu estava com quase 30 anos em 2002, "Beleza Suburbana". Depois que consegui eternizar aquele momento em forma de um texto, senti uma alegria que se assemelha aquela quando vemos o garçom chegando com a nossa comida no restaurante. Estava mesmo com fome de compartilhar o que via, pois estava completamente contagiada pelo vírus da literatura em minha vida. Ofereci meu texto - como quem divide o pão com outro faminto – para alguns amigos lerem. Paulo Andel, poeta e escritor de mão cheia, ao chegar na última linha pediu para que eu nunca mais parasse, pois levava jeito para a coisa. Acreditei. Fiz o blog "Minha vida é um blog aberto" no qual escrevo periodicamente sobre o que quiser e sempre em primeira pessoa. As crônicas são sempre compartilhadas nas minhas redes e, como já contado, pela reação das pessoas, minha escrita foi ganhando corpo. Hoje tenho 12 livros escritos e terei o oitavo publicado neste ano. *História da física na sala de aula, Minha vida é um blog aberto, Como enlouquecer seu professor de física, Filosofia, Beleza suburbana, Tenso, logo escrito, Isaac no mundo das partículas e Nós somos a tempestade*. Somente três deles não são de crônicas: *História da física na sala de aula, Como enlouquecer seu professor de física e Isaac no mundo das partículas* que é meu primeiro livro infantil.

Ensaio: Há certo consenso que nas ciências duras existe um matiz mais evidente do machismo, uma vez que é considerada uma área de conhecimento naturalmente atribuída ao homem. Você é a primeira coordenadora de física do CEFET em 100 anos. Como você experimenta isso no seu trabalho?

Elika: Experimento com dor. Há muitas alegrias, mas há a dor de não ser ouvida e respeitada por ser mulher. É claro que isso está longe de vir de uma maioria ali dentro, mas há pessoas que me desqualificam por eu ser mulher. Não fico triste, embora sinta a dor. Entendo que estamos vivendo em um processo e estou feliz em fazer parte disso e aprender a lidar com esses enfrentamentos. O "inimigo" está nítido e temos discutido muito entre nós a forma correta de combatê-lo. Não estar só é um tipo de felicidade.

Ensaio: Sua participação nas redes sociais evidencia sua militância especialmente em prol da educação. Como professora há ou houve algum momento em que você sentiu retaliação por sua atuação na internet?

Elika: Dentro de sala de aula, um texto ou outro sempre é levantado porque muitos alunos e muitas alunas me leem. Mas nunca tive nada direto vindo deles e delas que pudesse considerar como uma retaliação. Nem perto disso. E se há algo que alguém discorde, usamos isso para nos aproximar porque é no diálogo que a gente se conhece melhor.

Crítica da Razão Tupiniquim

Adriano Negris¹

Gomes, Roberto. *Crítica da Razão Tupiniquim*. 14^a ed. Curitiba, PR: Criar Edições, 2008.

214

O livro *Crítica da Razão Tupiniquim*, escrito por Roberto Gomes e publicado no ano de 1977, pode ser considerado uma forma de expor a maneira pela qual a Filosofia vem sendo produzida no Brasil. Aparentemente, o texto, escrito ainda no século passado, poderia vir a ser considerado anacrônico, ultrapassado. No entanto, a proposta crítica de Roberto Gomes para a construção de um pensamento filosófico genuinamente brasileiro ainda tem espaço e vigor, principalmente no circuito acadêmico, lugar onde se reproduz os problemas históricos e os cânones filosóficos europeu, muitas vezes sem qualquer barragem crítica.

O ponto chave do livro de Roberto Campos é a tentativa de se pensar um modo original de fazer Filosofia no Brasil. Isso implica, segundo o autor, reconhecermos o tipo de relação mantemos com a Filosofia. Trata-se, primeiramente, de reconhecermos que simplesmente importamos e incorporamos para a nossa vida academia uma Filosofia estrangeira, sem ao menos nos dar conta do nosso tempo e lugar na história.

Para iniciar sua proposta, o autor coloca em questão o próprio tema do seu livro: a Razão Tupiniquim. Esse é um tema para se pensar “*a sério*” ou, de maneira diversa, para encará-lo de forma “*séria*”? Para compreensão desse tema Roberto Gomes constata a existência de duas posturas possíveis frente à Filosofia: pode-se levá-la à *sério* ou ser *sério* quando se trata de assuntos atinentes à Filosofia.

Para o autor a palavra “*sério*” deve ser encarada como sinônimo de seriedade, ou seja, quando um sujeito se torna objeto da seriedade. O *sério* expressa muito mais a ideia de um objeto morto, caricato, que existe em função daquilo que lhe é exterior. Nesse sentido, o autor chama atenção para o fato de que *entre-nós*, muitas vezes, a Filosofia é algo sério. Esse caráter sério da Filosofia *entre-nós* é caracterizado pela excessiva ritualização. A Filosofia sendo algo sério, não importa o que está sendo dito,

¹ Doutor em Filosofia pelo PPGFIL/UERJ; Pós-Doutorando pela UNFOP

mas sim a maneira pela qual se é dito, visando reproduzir padrões previamente consagrados. Assim, para Roberto Gomes, no Brasil, o falar, o escrever e o pensar se tornaram atividades extremamente rígidas e formalizadas. No discurso intelectual brasileiro, segundo o autor, vigora o sério. No Brasil triunfa o homem sério, expressão daquilo que o autor denominará de *Razão Ornamental* e que representa a “estilística” de uma classe privilegiada diante de uma multidão analfabeta. Dito de outra maneira: o que muitas vezes importa ao circuito intelectual brasileiro, especialmente o filosófico, é a formalidade dos discursos, que deve seguir com rigidez e o rigor os cânones da filosofia ocidental, mesmo que isso venha se tornar uma prática completamente desvincilhada da realidade.

Dessa maneira, *Crítica da Razão Tupiniquim* é um livro que carrega no título um tom provocativo. Nessa obra o autor tenta “sair do sério”, no sentido anteriormente colocado. Segundo Gomes, a Filosofia brasileira só passará a existir como pensamento filosófico quando se tornar uma investigação ao avesso da seriedade vigente. Para o autor o *sério* sufoca o pensamento brasileiro, fazendo com que se perca a ligação e a referência crítica da realidade, que sempre foi a tarefa precípua da Filosofia. Como destaca o próprio autor, o filósofo brasileiro, capaz de pensar o século XIII europeu e todas as suas elucubrações metafísicas, não é capaz de enxergar um palmo diante do nariz. Este mesmo “pensador” não é capaz de cobrar um escanteio ou dançar um samba, como diz o autor (GOMES, 2008, p. 18). Conforme se vê, a proposta do autor é exatamente o abandono a aquilo que ele identifica como a tirania do *sério*, com a finalidade de ver o avesso das coisas e retirar de nossas costas o peso de séculos de academicismo.

Para Gomes, sempre que uma Razão se expressa a Filosofia é inventada. A questão que preocupa o autor é: que tipo de Razão nós expressamos? Como a nossa Razão, uma Razão brasileira, se manifesta? Para o nosso autor, as respostas a essas questões nos conduz a possibilidade de realizar uma Filosofia brasileira. Todavia, para isso seja possível, é necessário ter a consciência que estamos situados em um determinado tempo e lugar. Somente a partir de nosso tempo e do nosso lugar, ou seja, só quando realizarmos um autorreconhecimento é que poderemos expressar nossa Razão de maneira genuína. Segundo Gomes, a Filosofia, onde se expressa uma Razão, deve descobrir-se *em* (ou seja, num tempo histórico e situada geopoliticamente).

O significativo para o autor em termos de urgência de um pensamento original é o enfoque dado a forma e a consistência dos problemas de seu tempo, apresentando uma revisão crítica das questões sua época. Um pensamento original é aquele que está em relação com as forças que se dão em seu tempo e lugar; um pensamento original é um pensamento temporalmente e geograficamente situado. Dessa forma, para Gomes, não devemos aguardar uma solução estrangeira, pois nessa condição, estaremos sempre envoltos em saber estranho, o saber de um outro. Nas palavras do autor, “o original, em suma, é o avesso do estranho e do novo: tem raízes aqui e de longa data” (GOMES, 2008, p. 25).

Por essa razão nosso autor considera que a Filosofia brasileira só poderá ter condições de se construir de forma original quando se descobrir *no* Brasil. Para isso, é imprescindível que na aproximação com os temas estrangeiros se verifique se tais temas de fato nos importam, pois somente assim poderemos leva-los *a sério*, fazendo com que eles sejam efetivamente nossos.

Uma vez que *entre-nós* não estabelecemos um critério de avaliação submetido à uma verdadeira crítica, Roberto Gomes conclui que a problemática filosófica no Brasil não se forma por meio de uma investigação interna e vinculada as urgências do país. Por isso o autor menciona que para escapar da nossa realidade, simplesmente conciliamos ou suprimimos tudo aquilo que nos convém acerca do pensamento alheio. Esse tipo de postura frente a nossa realidade revela o que Gomes chama de Razão Ornamental. Desse modo, o intelectual brasileiro, se furtando a nossa realidade, transforma seu esforço em necessidade de reconhecimento e consideração. Como menciona o nosso autor, o intelectual tupiniquim querendo ser *sério*, para ser então levado *a sério*, acaba se policiando quanto ao que ele escreve, lê ou pensa. No entanto, agindo assim, esquece que pretende ser reconhecido pelo que não é, sendo seu pensamento transformado em puro ornamento.

Ao expor esse quadro, como o autor vem a caracterizar uma Filosofia *entre-nós*? Para Roberto Gomes há uma Filosofia *entre-nós*, ainda que ela seja um corpo estranho representado através de congressos, livros, revistas e uma Filosofia presente nos currículos universitários. Contudo, para além de expressar um caráter assimilativo das ideias alheias, a Filosofia *entre-nós* confirma um estado de dependência, no qual nossos intelectuais se reservam o direito de cumprir o papel de colonizados, sendo, portanto,